

CONSTRUINDO UMA ARQUEOLOGIA DE GÊNERO

Nádia Carrasco Pagnossi¹

RESUMO

O artigo tem por objetivo apresentar um relato das impressões obtidas através da experiência de um minicurso ministrado durante a I Semana de Arqueologia da CAJUFS na Universidade Federal de Sergipe em 2015. Nesse minicurso, é evidenciada a necessidade de um maior enfoque de gênero na arqueologia brasileira. Também será realizada uma breve explanação sobre as teorias de gênero aplicadas à arqueologia, considerando-se as diferenças entre as ditas “arqueologia feminista” e “arqueologia de gênero”, e seu desenvolvimento nos contextos mundial e brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: arqueologia de gênero, arqueologia feminista, estudos de gênero, relato de experiência, arqueologia brasileira.

ABSTRACT

The article aims to present the impressions obtained through an experience report about a mini-course taught during the First CAJUFS Congress at the Federal University of Sergipe in 2015. In this mini-course, the need for a greater gender focus in Brazilian archaeology was evidenced. The article also contains a brief explanation of the gender theories applied to archaeology, considering the differences between the so-called “feminist archaeology” and “gender archaeology”, as their development in world and Brazilian contexts.

KEYWORDS: gender archaeology, feminist archaeology, gender studies, experience report, brazilian archaeology.

RESUMEN

El artículo pretende presentar un relato de las impresiones obtenidas a partir de la experiencia de un minicurso impartido durante la I Semana de Arqueología de la CAJUFS

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia (PROARQ) pela Universidade Federal de Sergipe. E-mail: culturaemvidro@gmail.com.

em la Universidad Federal de Sergipe en 2015. En este minicurso, se evidencia la necesidad de un mayor enfoque de género en arqueología brasileña. También será hecha una breve discusión de las teorías de género aplicadas a la arqueología, considerando las diferencias entre las denominadas “arqueología feminista” y “arqueología de género” y su desarrollo en los contextos mundial y brasileño.

PALABRAS CLAVE: arqueología de género, arqueología feminista, estudios de género, relato de experiencia, arqueología brasileña.

INTRODUÇÃO

As críticas feministas ao caráter androcêntrico das ciências em geral possibilitaram a revisão (ou reformulação) de diversos conceitos usados de maneiras não reflexivas, dos modos pelos quais as mulheres eram tratadas dentro das carreiras científicas, de quais as relações de poder permeavam seus meios, e principalmente, abriu-se um campo para novas temáticas relacionadas ao corpo, às sexualidades e ao gênero. O termo gênero é motivo de discussões desde seu aparecimento na década de 1960. Seu primeiro uso foi o de contrapor-se ao sexo biológico, ou seja, o gênero seria então um construto social, a maneira de autoidentificação de alguém, mesmo que essa maneira não correspondesse ao seu sexo biológico (órgãos genitais) (NARVAZ & KOLLER, 2006). Para as feministas radicais, que surgiram também nessa época, o gênero seria o próprio patriarcado, um sistema hierárquico baseado na divisão binária entre “homem” e “mulher”. Nesse sistema, o homem seria o responsável pela opressão e dominação da mulher (BADINTER, 2005). Uma segunda concepção advinda da terceira onda feminista e do pós-modernismo, inspirada nas teorias de Foucault (1988) e de Judith Butler (2010), postula que o gênero é um construto social tanto quanto o próprio sexo biológico (macho, fêmea), levando em consideração a construção das próprias identidades através de práticas performativas e discursivas (GOMES, 2011). Apesar dessa abertura para a autoidentificação, reconhece-se que aquelas pessoas que não se enquadram nos estereótipos binários de “homem” e “mulher” são punidas pela sociedade por meio da exclusão ou marginalização, o que acontece, por exemplo, com as pessoas transexuais (JESUS & ALVES, 2010). Uma terceira concepção, derivada da História (especificamente da chamada *Nova História*), formulada por historiadoras feministas (Joan W. Scott, Michelle Perrot), vê o gênero enquanto uma categoria útil de análise histórica imbricada por relações de poder, assim como raça, classe social e etnia (PERROT & DUBY, 1991; SCOTT, 1990).

Uma definição de gênero não necessariamente exclui a outra. É possível pensar gênero enquanto um construto social tanto quanto o sexo biológico, estando permeado tanto por questões performativas e discursivas, quanto por hierarquias opressoras (e em algumas sociedades claramente patriarcais), tendo, portanto, uma historicidade, e sendo uma categoria de análise histórica. As categorias de gênero não estão isoladas no espaço e tempo, elas possuem um contexto histórico-social, e variam conforme a realidade a qual se inserem. O gênero é algo existente em todas as sociedades humanas, assim, deve ser levado em consideração da mesma maneira que, por exemplo, a produção de alimentos e de artefatos, pois faz parte das relações sociais que os seres humanos estabelecem, e sua maneira de verem e existirem no mundo.

É importante lembrar que os movimentos feministas, na atualidade, possuem uma série de demandas, e não se atém somente às questões relativas às mulheres cis² brancas ocidentais. O advento dos diversos tipos de feminismos: negro, indígena, trans, interseccional (perspectiva que tenta englobar várias categorias feministas, se traduzido para uma linguagem acadêmica, poderia ser chamado de multidisciplinar), entre outros (OLIVEIRA, 2015). Nos estudos de gênero, o feminismo não possui um enfoque somente nas mulheres, abrem-se as disciplinas para novos temas, tais como: infância, maternidade, masculinidades, sexualidades que fogem à normatividade (cis heteronormatividade), agência; além de explicitarem as discriminações e preconceitos sofridos dentro das próprias áreas de pesquisa, em consequência de instituições e colegas de trabalho androcêntricos/machistas:

Feminismo já não é só questão de homens e de mulheres, é-o também, mas passa a incluir um espectro muito mais amplo, pela sua hifenização (a marca do hífen, signo de coligação) com outros movimentos e outras preocupações sociais e políticas, como o movimento antirracista, *queer* e de descolonização, ou a própria esquerda global, na sua luta contra o empobrecimento austeritário do mundo e do espírito. Nos últimos anos, o desenvolvimento de correntes feministas, como o transfeminismo, o feminismo *queer*, o feminismo pós-colonial, o feminismo interseccional,

² Cisgênero pode ser definido enquanto à identidade sexual atribuída ao nascimento e assumida durante a vida, cis é uma abreviatura de cisgênero, e é designada para referir-se às pessoas não transexuais: “Uma vez que definimos gênero como “as características comportamentais, culturais ou psicológicas associadas a um sexo, cisgênero literalmente significa: estar do mesmo lado das características comportamentais, culturais ou psicológicas associadas a um sexo. Simplificando, significa que a identidade e apresentação de alguém é compatível com sua morfologia física.” (MATTHEWS, 1999, apud DUMARESK, 1994, p.1).

É importante frisar que as palavras: “mulher”, “mulheres”, “homem”, “homens”, no texto se referem, na maioria, das vezes às pessoas cisgêneras.

mostram a adaptabilidade dos feminismos a construir praxis e teoria que responda às questões que politicamente preocupam a esquerda e que não se resumem às velhas maneiras de colocar as políticas de igualdade, como são as questões da austeridade (...) As respostas políticas dos feminismos são à sua imagem: múltiplas, diversas e em aliança contra o empobrecimento coletivo e do espírito. Não uma resposta única, mil, como mil são os gêneros ao derrubarem o binarismo. (OLIVEIRA, 2015, pp. 75-76).

Sem o feminismo, a arqueologia de gênero não existiria, por isso é importante conhecer a fundo as teorias feministas, os conceitos de gênero, e o próprio desenvolvimento do feminismo em seus contextos específicos. As primeiras críticas feministas à arqueologia começaram com atraso em relação às demais ciências humanas. Nestas, o feminismo já figurava desde 1960, na arqueologia isso ocorrerá apenas na década de 1980, com a influência da “segunda onda” feminista (WYLIE, 2014). Neste momento, os objetivos eram dar visibilidade às mulheres na arqueologia, criticar pressupostos ligados aos essencialismos vigentes, que sempre representavam (quando o faziam) as mulheres como passivas, inferiorizando seu papel social em relação ao dos homens (GILCHRIST, 1999). A arqueologia feminista, ou arqueologia de gênero (discutirei as diferenças e semelhanças posteriormente), surge para criticar a arqueologia tradicional e seu viés androcêntrico, propondo novos enfoques e maneiras de interpretação do registro arqueológico.

ARQUEOLOGIA DE GÊNERO: DESENVOLVIMENTO E PROBLEMÁTICAS

Como posto anteriormente, a arqueologia de gênero surge durante os anos 1980, com os trabalhos pioneiros de Gero e Conkey, e com a realização de uma conferência intitulada “Engendering Archaeology” em 1988, que foi um marco para os estudos de gênero na arqueologia (WYLIE, 1997). Nesta conferência, foram debatidos os problemas já elencados na introdução, relativos à crítica da arqueologia tradicional, suas metodologias, e o modo no qual perpetuavam o machismo dentro do meio acadêmico e profissional, e como incorporar as demandas feministas à arqueologia. Os primeiros trabalhos tinham por objetivo desmistificar argumentos da arqueologia tradicional e trocar o protagonismo masculino pelo feminino (ESCÓRCIO, 2008). Esse momento gerou diversos tipos de reações ao aparecimento da arqueologia de gênero. Alguns autores aceitaram os argumentos, os incorporando aos seus discursos e trabalhos, enquanto outros apenas ridicularizaram e rejeitaram o movimento (GILCHRIST, 1999).

O comprometimento da arqueologia de gênero com o feminismo e as diferenciações entre a primeira e a arqueologia feminista são temas de várias discussões. Algumas pesquisadoras consideram, tais como Martí (2003) e Wylie (1997, 2014), bem como a presente autora, que é impossível dissociar a arqueologia de gênero da arqueologia feminista, justamente por não se considerar que o feminismo trate meramente das mulheres, da pré-história ou história destas. Outros, como Díaz-Andreu (2014) e Gomes (2011), afirmam que a arqueologia de gênero não é o mesmo que arqueologia feminista, já que a segunda se fixaria somente às mulheres, e a primeira seria a alternativa para a abordagem de assuntos transversais.

Vila Mitjá (2011) e Berrocal (2009) criticam duramente a arqueologia de gênero, por acreditarem que a mesma é uma versão *light* da arqueologia feminista, tentando se destituir do cunho político para fugir da carga que leva se assumir como feminista. Apesar de considerar que uma coisa está ligada a outra, Wylie (2014) diferencia a arqueologia de gênero da feminista nas questões metodológicas, indicando a existência de um feminismo clandestino (por quem não se assume como feminista, mas como estudioso de gênero) em diversos núcleos de pesquisa como um movimento de resistência às instituições que excluem e desconsideram os trabalhos de mulheres, mesmo que estes sejam tão brilhantes quanto os dos homens.

Nos Estados Unidos e Europa, a arqueologia de gênero, embora não seja o tema mais abordado nas novas publicações, cresceu nas últimas duas décadas, com trabalhos que vão além de simplesmente indicar a presença de homens e mulheres nos registros arqueológicos. Como exemplos de bons trabalhos de arqueologia de gênero nos Estados Unidos estão os livros *Manifesting power*, editado pela antropóloga Tracy L. Sweely, em 1999, que conta com uma coletânea de artigos de autoras variadas (geralmente arqueólogas) sobre gênero e poder nas sociedades antigas e indígenas, pela perspectiva arqueológica; *Historical Archaeology of Gendered Lives*, escrito pela antropóloga Deborah Rotman, em 2009. O livro traz o resultado de um trabalho de campo com casas dos séculos XVIII e XIX, na cidade de Deerfield, no estado de Massachusetts. Ela vai além da cultura material e pesquisa os modos de vida de seis famílias, utilizando fontes materiais e documentais para analisar as relações e teorias de gênero correntes no período estudado; *Sexo invisível*, de autoria dos arqueólogos J.M. Aduvasio, Olga Soffer e Jake Page, publicados no Brasil pela editora Record, em 2009, com edição original de 2006, trata da participação da mulher na pré-história, dos debates em torno disso, da arqueologia masculina e machista. É interessante notar a representatividade da Espanha nas produções

atuais (Ver: ZURRO, 2010; PUYOLES, 2000; ROMERO, 2005 e 2006), e seu engajamento com a desconstrução de pressupostos androcêntricos. Na América Latina, excetuando o Brasil, há uma aproximação da arqueologia de gênero com a Arqueologia Social de cunho marxista, tratando principalmente das origens das desigualdades entre homens e mulheres. Segundo essas interpretações, as desigualdades estão pautadas no controle sexual (dos meios de reprodução) das mulheres, e na divisão sexual do trabalho (LIRANZO, 2005).

No Brasil, a produção de arqueologia de gênero teve início por volta do final dos anos 1990 e anos 2000, com poucos trabalhos produzidos ainda hoje. Não tendo acompanhado a introdução das temáticas feministas e de gênero que ocorreram nas demais ciências humanas do país a partir da década de 1970. A arqueologia de gênero nacional surge baseada no que já estava ocorrendo em outras arqueologias mundiais, propondo uma abertura da disciplina no país. Destacam-se na produção nacional os trabalhos de Lima (1997), Sene (2007) e Barreto (2005).

Em um levantamento realizado em duas das principais revistas de arqueologia do país, a Revista da Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB) e a Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP (MAE-USP) de 2000 a 2016, somente oito artigos relacionados à temática** foram publicados, somando ambas as revistas. Na Revista da SAB, houve publicações apenas nos anos de 2003 (SCHAAN), 2006 (SOUSA) e 2010 (ESCORCIO, HEILBORN, GASPAR). Na Revista do MAE as publicações foram dos anos de 2000 (CHEVITARESE), 2001 (TRIGO), 2010 (ANDRADE), 2011 (ESCORCIO), 2015 (CORREIA & SOUZA). Ainda que outros trabalhos nessas revistas toquem em temáticas relacionadas a gênero, por não explicitarem em seus resumos ou títulos, o leitor (no caso leitora) fica sem identificar quais outros trabalhos seriam. Portanto, muitas vezes é preciso que se inclua nos resumos e palavras-chave se o texto tratará de questões de gênero ou não.

Outro levantamento feito acerca da publicação de teses e dissertações sobre o tema constatou que existem apenas sete dessas publicações, feitas entre os anos de 2004 a 2015, sendo seis dissertações: (CAVICCHIOLI, 2004), (ESCORCIO, 2008), (RÉGIS, 2009), (FREGEL, 2012), (LIMA, 2012), (FONTOLAN, 2015); e uma tese: (SENE, 2008).

Como demonstrado através da variedade de abordagens dos trabalhos citados acima, não existe apenas um modo de se fazer arqueologia de gênero. É possível utilizar

* Nem todos são necessariamente artigos de arqueologia de gênero, porém são artigos de arqueologia que incluem questões ligadas ao universo feminino ou às questões de gênero.

fontes, teorias e metodologias diversas; o objeto de estudo não precisa ser necessariamente a mulher, faltam mais trabalhos de arqueologia *queer* (sexualidades e identidades de gênero não normativas), de arqueologia das masculinidades, entre outras temáticas que podem ser exploradas pela arqueologia de gênero. Essa carência foi demonstrada durante os debates realizados no minicurso de arqueologia de gênero que pude oferecer, no qual a maioria dos participantes não sabia o que era a arqueologia de gênero, apesar de serem estudantes de arqueologia em formação.

RELATO DE EXPERIÊNCIA: CONSTRUINDO UMA ARQUEOLOGIA DE GÊNERO

Durante a I Semana de Arqueologia da CAJUFS³, realizada entre os dias 13 a 18 de abril de 2015, no Campus de Laranjeiras da Universidade Federal de Sergipe, tive a oportunidade de ministrar um minicurso sobre arqueologia de gênero. A ideia veio de uma necessidade pessoal de montar um espaço de debate sobre a temática, já que a academia muitas vezes deixa as pessoas isoladas em seus próprios núcleos de pesquisa, sem um maior diálogo com os outros pesquisadores e com a comunidade em geral. Visto que o evento era aberto a todo tipo de público — não só o acadêmico —, esta seria então uma grande chance de apresentar um tema pouco abordado na arqueologia e nos meios nos quais esta é publicizada.

O minicurso foi dividido em dois dias, com duração de duas horas em cada sessão. A intenção inicial era contar com a presença de 15 inscritos, porém devido a uma demanda maior de interessados — o que foi surpreendente —, abriu-se a inscrição para 20 pessoas. O objetivo, além do debate sobre a temática, foi problematizar a arqueologia tradicional, colocando a arqueologia de gênero como uma alternativa possível e urgente.

No primeiro dia, ao entrar na sala, os participantes se deparavam com a seguinte pergunta exposta em um slide: *Quantas vezes você já ouviu as expressões: “o homem pré-histórico”, “a história do homem”, “o homem evoluiu”... em sala de aula na semana passada?* Essa pergunta foi uma das provocações que nortearam as discussões. Solicitei que todos se apresentassem e que justificassem o por que de estarem no minicurso, o que havia impulsionado a decisão de se inscreverem, já que havia diversos outros minicursos como opções. Para minha surpresa, dos 20 inscritos, pelo menos seis deles se identificaram enquanto homens cis que disseram estar ali para desconstruir preconceitos, “sair da zona

³ Empresa Júnior de Arqueologia ligada à Universidade Federal de Sergipe.

de conforto”, ou conhecer algo pouco discutido em sala de aula (a maioria deles eram estudantes do curso de Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe). As participantes que se identificaram como mulheres cis — também de maioria composta por estudantes da UFS, com a exceção de uma professora de História da rede municipal de Laranjeiras — relataram estar ali para entender o que era a arqueologia de gênero, “encontrar as mulheres na pré-história”, e saber o qual era a relação entre arqueologia de gênero e feminismo.

Após a apresentação, foi explicada a estrutura do curso, cujo primeiro dia seria destinado à descrição dos conceitos de gênero, dos diversos feminismos existentes, dos temas polêmicos que existem dentro das teorias feministas, e de como todas estas teorias se encaixaram na arqueologia. Já no segundo dia, a explicação voltou-se para a arqueologia de gênero em si, ou seja, como ela se desenvolveu; quais foram as primeiras teóricas/arqueólogas a abordarem o gênero em seus trabalhos; quais as diferenças — ou semelhanças — entre a arqueologia de gênero e a arqueologia feminista; como a arqueologia de gênero é/está no Brasil e no mundo. Levando em consideração que não há um modo único e unânime de se fazer arqueologia de gênero. Dado este fato, foi proposta a construção de novas temáticas/modos de fazer, além de um exercício de autocrítica à arqueologia de gênero, com o apontamento de problemas dentro desta.

O primeiro dia, por tratar de temáticas que estão mais próximas do cotidiano, gerou diversas discussões em torno do comportamento de homens e mulheres na sociedade. Uma das participantes relatou sofrer machismo dentro de casa, principalmente em relação à divisão — que obviamente não ocorria — das tarefas domésticas e do cuidado com os filhos; outro participante relatou ter sido assediado sexualmente por mulheres em seu local de trabalho, sentindo-se intimidado pelo fato, e sem poder contar a seus companheiros, pois seria motivo de chacota. Outro ponto tocado foi acerca do (não) respeito/aceitação em relação às identidades e orientações sexuais distintas da normatividade, aqui entendida enquanto homens e mulheres cis e heterossexuais. Foi extremamente enriquecedor o testemunho de participantes homossexuais ao falarem sobre os preconceitos e discriminações que sofrem durante suas vidas. Ao final da sessão, foram passados três vídeos da campanha do Governo do Equador, intitulada *Reacciona Ecuador, el machismo es violencia*⁴. Os vídeos escolhidos foram: “Guantes”⁵, “Museo”⁶ e “Cavernícola”⁷.

⁴ COMISIÓN DE TRANSICIÓN HACIA EL CONSEJO DE LAS MUJERES Y LA IGUALDAD DE GÉNERO, **Estudio Cualitativo de la Campaña Reacciona Ecuador, el machismo es violencia**, Quito: 2011.

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NTxUWQ2IE6s>. Acesso em: 14/04/2015.

“O que vídeos de uma campanha antimachista têm a ver com a arqueologia?”. Esta pergunta foi feita aos inscritos no minicurso, após a exibição dos vídeos. Sobre o primeiro vídeo (“Guares”), foi exposto que ele tratava especificamente da cultura material, ao mostrar os presentes que o menino e a menina recebem ao longo da vida como uma das formas de simbolizar o que eles serão/farão em sua vida adulta. Outros símbolos de diferenciação sexual são as cores rosa e azul para distinguir o que é feminino e masculino, respectivamente. Como conclusão, foi dito que a cultura material pode conter indicativos de diferenciação ou até hierarquização sexual, e que isso deve ser levado em conta no ofício arqueológico. Sobre o segundo vídeo, “Museo”, as conclusões foram que ele apresenta um espaço de memória, e se relacionado à arqueologia, seria o lugar para o qual vai grande parte do material encontrado durante as escavações. A intenção do vídeo é mostrar o machismo como algo já “extinto” da vida do futuro, algo ultrapassado, antiquado, uma memória que deve permanecer para que o que foi extinto nunca mais ocorra. O tipo de informação arqueológica que transmitimos dentro dos museus também foi algo debatido, visto que são raros os museus que representam a mulher enquanto agente social, e quando representam, estas sempre assumem papéis coadjuvantes ou secundários em relação aos dos homens. O terceiro vídeo, “Cavernícola”, teve como apontamentos o fato de estereotipar o homem pré-histórico enquanto um ser quase animalesco e, portanto, machista por natureza, sem sabermos se realmente na pré-história o homem teria sido machista. A ideia central do vídeo é mostrar a atitude machista como pré-histórica e violenta, para assim combatê-la. As maneiras de representar o ser humano pré-histórico de certo modo foram influenciadas pelas interpretações arqueológicas, que acabaram por estereotipá-lo como um ser extremamente violento, impulsivo e instintivo, tomando referenciais do presente para representar o passado. Essa, infelizmente, é a imagem que ficou no imaginário social e midiático e que continua sendo reproduzida.

No segundo dia, o minicurso foi iniciado com o debate de dois textos de redes sociais sobre a arqueologia de gênero⁸ e a condição de trabalho das arqueólogas no Brasil⁹,

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=olb8gkuNgXw>. Acesso em: 14/04/2015.

⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BwGGDcGBOFY>. Acesso em: 14/04/2015.

⁸ MOORE, Rebeca. **Arqueologia de gênero ou feminismo?** Disponível em: <http://outrosarqueologia.blogspot.com.br/2013/04/arqueologia-de-genero-ou-feminismo.html>. Acesso em: 14/04/2015

⁹ **PRÓ-SINDICATO DAS TRABALHADORAS E TRABALHADORES DA ARQUEOLOGIA PREVENTIVA**. 8 de março, Viva as Arqueólogas que vivem na Resistência !. Disponível em:

antes do início da apresentação já proposta para o dia. Os textos foram escolhidos por possuírem uma maior proximidade com os discursos correntes no meio arqueológico. Acerca do texto de Rebeca Moore, alguns participantes argumentaram que a autora utilizou um discurso extremamente feminista para defender a existência da arqueologia de gênero, ao mesmo tempo em que renegou o feminismo dentro da arqueologia, como se este se remetesse apenas a dar visibilidade às mulheres. A autora não conseguiu enxergar que os estudos de gênero só foram possíveis a partir da existência dos movimentos feministas. O segundo texto veio seguido por relatos de machismo sofridos em campo ou no ambiente de trabalho. Muitas participantes disseram ter passado pelo que foi descrito no texto, e que atitudes machistas quase sempre são naturalizadas, tidas como normais entre a comunidade arqueológica acadêmica e de contrato. Após esse momento de reflexão, o minicurso correu normalmente dentro das propostas já explicitadas acima, e ao final da sessão, com o objetivo de um *feedback* pessoal do entendimento e da experiência que os participantes tiveram durante aqueles dois dias, foi pedido que escrevessem e depois falassem os problemas que creem poderem afetar a arqueologia de gênero, bem como realizarem propostas de assuntos que poderiam ser incluídos nas pesquisas arqueológicas de gênero.

Como problemas, foram elencadas as seguintes questões:

1. A possibilidade de revolta que a arqueologia de gênero poderia causar nos homens, por não aceitarem uma abordagem que não fosse voltada a eles mesmos;
2. Não considerar a relatividade que o termo gênero pode adquirir, usando gênero somente para referir-se às demandas das mulheres;
3. Novamente problemas com o termo gênero, este sendo usado no singular poderia significar somente um dos gêneros (no caso o feminino).
4. Uma superespecialização e um esquecimento de outras temáticas por quem pratica a arqueologia de gênero, já que esta pessoa poderia tornar-se monotemática e muitas vezes deixar de lado outros assuntos, mesmo quando estes estão explícitos em suas investigações;
5. A arqueologia de gênero ficar restrita a academia, sem expandir-se para a sociedade em geral que busca novas interpretações do passado;
6. A necessidade da quebra de muitos preconceitos para que uma arqueologia de gênero realmente efetiva seja realizada, quebra esta que poucas pessoas estão dispostas a fazer.

<https://www.facebook.com/sindicatodaarqueologiapreventiva?fref=ts>. Acesso em: 14/04/2015.

Como propostas para o futuro da arqueologia de gênero, foram sugeridos:

1. Uma maior democratização do ensino da arqueologia de gênero dentro da universidade, visto que não existem disciplinas específicas — nem como optativas — sobre o assunto em nenhum dos cursos de arqueologia do país;
2. Buscar um reconhecimento maior dentro do meio acadêmico, e também levar ao público leigo os resultados da abordagem de gênero na arqueologia;
3. Mais pesquisas sobre as questões *queer* na arqueologia, visto que mesmo dentro da arqueologia de gênero são escassas estas discussões;
4. Maior ênfase no papel ativo, na agência dos seres humanos nas interpretações arqueológicas;
5. Abertura para temáticas novas, tais como: arqueologia da estética, do aborto e da infância.

Esta chance de autocrítica e de autorreflexão vinda do olhar de pessoas que ainda não são pesquisadoras das áreas de gênero — mas com o estímulo do minicurso poderão vir a ser — contribuiu enormemente para minha formação. Todas as problemáticas e propostas levantadas foram enriquecedoras e possibilitaram um momento de construção conjunta, e quiçá de planejamento do futuro da arqueologia de gênero à nível nacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Eu achei ridículo falarem em
homem das cavernas, ou pré-
histórico, sendo que o primeiro
fóssil encontrado se chamava
Luzia.”* (Fala de uma aluna do 6º
ano de uma escola de Santos-SP).

A fala acima me foi relatada por uma amiga que é professora de uma escola de ensino fundamental em Santos. A aluna percebeu claramente que não foi representada, e que as mulheres não foram representadas pelos livros didáticos e pelo discurso oficial. Seguir usando o termo homem para se referir à humanidade é algo carregado de androcentrismo e excludente aos “outros” não “homens”, ou seja, mais da metade da população mundial. A arqueologia é responsável por grande parte do conteúdo que será ensinado nas aulas de História do Ensino Básico. Deve-se pensar em quais conhecimentos e interpretações arqueológicas serão passados para as futuras gerações.

Considero que não há como fazer arqueologia de gênero sem pensar nos pressupostos feministas, ainda que a pessoa não se identifique enquanto feminista (o por que desta não identificação pode ser algo problemático), ela deve conhecer a literatura clássica, a maneira pela qual a arqueologia de gênero surgiu e saber que esta não é nada menos que um dos frutos das críticas feministas às ciências. É preciso ir além, pensar em simbologias, em sexualidades diversas, em gêneros fora do binarismo, em hierarquias sociais, fugindo das visões essencialistas atuais. Tendo em mente que nem sempre o que está sendo feito hoje foi feito pelas sociedades do passado, o gênero não é algo homogêneo nem estático. Enquanto não for feita essa revisão, todas as propostas feitas para o futuro da arqueologia de gênero ficarão somente no papel, e a indignação da aluna — e de diversas outras — perante discursos androcêntricos continuará.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Marta Mega. **O elogio das mulheres em contextos funerários da Atenas Clássica**: estudo de caso do táphos de Méliita. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, n. 20, p. 235-249, 2010.

BADINTER, Elisabeth. **Rumo equivocado**: o feminismo e alguns destinos. Editora Record, 2005.

BARRETO, Cristiana. Simbolismo sexual na antiga Amazônia. Revisitando urnas, estatuetas e tangas marajoara. In: **Antes**: histórias da pré-história. Centro Cultural Banco do Brasil. Rio de Janeiro. Catálogo de exposição, 12 out. 2004-09 jan. 2005.

BERROCAL, María Cruz. Feminismo, teoría y práctica de una arqueología científica. **Trabajos de Prehistoria**, 66, nº 2, Madrid, 2009.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CARVALHO, Vânia Carneiro. **Gênero e Artefato**: O Sistema Doméstico na Perspectiva da Cultura Material – São Paulo, 1870 – 1920. São Paulo: EDUSP, 2008.

CAVICCHIOLI, Marina Regis. **As representações da sexualidade na iconografia pompeiana**. Dissertação, UNICAMP, 2004.

CHEVITARESE, André Leonardo. Mulher e colheita de frutas na pólis ateniense: análise iconográfica dos vasos áticos de figuras negras e vermelhas. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 10, p. 175-187, 2000.

COMISIÓN DE TRANSICIÓN HACIA EL CONSEJO DE LAS MUJERES Y LA IGUALDAD DE GÉNERO, **Estudio Cualitativo de la Campaña Reacciona Ecuador, el machismo es violencia**, Quito: 2011.

DE SOUZA CORREIA, Larissa; DE SOUZA, Camila Diogo. Representações de Atena em ânforas de figuras negras do século VI aC: um exercício de análise iconográfica. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 25, p. 83-103, 2015.

Díaz-Andreu, M. Historia del estudio del género en Arqueología. In: Vizcaíno, A. et al. (eds.), **Desmuntant Lara Croft. Dones, arqueologia i universitat. Saguntum**. Extra 15. València,

Universitat de València, 2014, p. 25-32.

DOWSON, Thomas A. Homosexualitat, teoria queer i arqueologia. **Revista Cota Zero**, n. 14, 1998.

DUMARESK, Leila. **O cisgênero existe.** 2014. Disponível em: <http://transliteracao.com.br/leiladumaresq/2014/12/o-cisgenero-existe/>. Acesso em: 12/04/2017.

ESCÓRCIO, Eliana Möller. **Pescadores-Coletores do litoral do Estado do Rio de Janeiro: Um olhar sobre idade e gênero** (dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro, UFRJ, 2008.

ESCÓRCIO, Eliana; GASPAS, Maria Dulce. Um olhar sobre gênero: estudo de caso—Sambaquieiros do RJ. **Revista de Arqueologia**, v. 23, n. 1, p. 72-89, 2010.

FONTOLAN, Marina. **Arqueologia subaquática e questões de gênero: uma leitura pós-moderna.** Dissertação, UNICAMP, 2015.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber;** tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e JA Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FREDEL, Karla Maria et al. **Arqueologia de gênero nas cidades de Pelotas/RS-Brasil e Habana Vieja/Habana-Cuba: século XIX.** Dissertação, UNICAMP, 2012.

GASPAS, Maria Dulce; HEILBORN, Maria Luiza; ESCORCIO, Eliana. A sociedade sambaquieira vista através de sexo e gênero. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 21, p. 17-30, 2011.

GILCHRIST, Roberta. **Gender and archaeology: Contesting the past.** London and New York: 1999.

GOMES, F.B. Arqueologia e Género(s): de strange bedfellows a um paradigma de leitura crítica do Passado. **Sapiens: História, Património e Arqueologia**, n. 5, 2011.

HEGMON, Michelle. Setting Theoretical Egos Aside: Issues and Theory in North American Archaeology. In: **American Antiquity**, v. 68, n. 2, 2003.

HENRÍQUEZ, Patricio N. Arqueología y cambio social: una visión de género y materialismo histórico para el Norte de Chile. In: **Chungara, Revista de antropología chilena**. Volume especial, 2004, p. 441-451.

HÉRITIER-AUGÉ, Françoise. La sangre de los guerreros y la sangre de las mujeres. In: **Alteridades**, 1991. p. 92-102.

JESUS, Jacqueline Gomes e ALVES, Hailey. Feminismo transgênero e movimentos de mulheres transexuais. **Revista CRONOS**, v. 11, n. 2, 2010.

KOIDE, Kelly; FERREIRA, Mariana Toledo & MARINI, Marisol. Arqueologia e a crítica feminista da ciência Entrevista com Alison Wylie. **Sci. stud.** [online]. 2014, vol.12, n.3, p. 549-590. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1678-31662014000300008>. Acesso em 20/06/2015.

LIMA, Danúbia Valéria Rodrigues de. **Sobre morte e gênero: uma análise dos papéis de gênero no contexto funerário dos sítios Justino-SE e Furna do Estrago-PE**. Dissertação, UFPE, 2012.

LIMA, Tania Andrade. Chá e simpatia: uma estratégia de gênero no Rio de Janeiro oitocentista. **Anais do museu paulista**, v. 5, n. 1, p. 93-129, 1997.

MARTÍ, Ruth Falcó. **La arqueología del género: espacios de mujeres, mujeres con espacio**. Centro de estudios sobre la mujer. Cuadernos de trabajo de investigación. Universidad de Alicante: 2003.

MESKELL, Lynn. Archaeologies of identity. In: HODDER, Ian. **Archaeology Theory Today**. Polity Press. 2001.

MOORE, Rebeca. **Arqueologia de gênero ou feminismo?** Disponível em: <http://outrosarqueologia.blogspot.com.br/2013/04/arqueologia-de-genero-ou-feminismo.html>. Acesso em: 14/04/2015.

NARVAZ, Marta; KOLLER, Silvia Helena. Metodologias feministas e Estudos de Gênero: articulando pesquisa, clínica e política. **Psicologia em Estudo**, vol. 11, nº 3, Maringá, 2006, p. 647-654.

NAVARRETE, Rodrigo. Excavando mujeres en y desde el sur: aproximaciones a la arqueología feminista en Latinoamérica. **Revista venezolana de estudios de la mujer**, v. 15, n. 34, Enero/junio 2010.

OLIVEIRA, João M. Mil Géneros. **Revista Vírus**, v. 7, p. 74-76, 2015.

PAGNOSSI, Nádia C. **A arqueologia de gênero e suas aproximações com a história**. Monografia. Uberlândia, 2013.

PERROT, Michelle; DUBY, Georges. **História das mulheres no ocidente**. Porto: Afrontamento, 1991.

PRÓ-SINDICATO DAS TRABALHADORAS E TRABALHADORES DA ARQUEOLOGIA PREVENTIVA. **8 de março, Viva as Arqueólogas que vivem na Resistência!** Disponível em: <https://www.facebook.com/sindicatodaarqueologiapreventiva?fref=ts>. Acesso em: 14/04/2015.

REGIS, Maria Fernanda Brunieri. **Mulheres nos sympósia**: representações femininas nas cenas de banquete nos vasos áticos (séc. VI ao IV aC). Dissertação, USP, 2009.

ROMERO, M. Sánchez. **Arqueología y Género**. Universidad de Granada: 2005.

_____ Maternidad y prehistoria: prácticas de reproducción, relación y socialización. In: **Las mujeres en la Prehistoria**. Museo de Prehistoria de València, 2006.

ROTMAN, Deborah. **Historical Archaeology of Gendered Lives**. Springer, Nova Iorque: 2009.

SCHAAN, Denise Pahl. A ceramista, seu pote e sua tanga: identidade e papéis sociais em um cacicado marajoara. **Revista de arqueologia**, v. 16, n. 1, 2006.

SENE, Glaucia Aparecida Malerba. **Indicadores de gênero na pré-história brasileira**: contexto funerário, simbolismo e diferenciação social - O sítio arqueológico Gruta do Gentio II, Unaí, Minas Gerais. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2007.

SILVA, Sérgio F. S. M, CASTRO, Viviane C., LIMA, Danúbia, R. Arqueologias do corpo e da sexualidade: possibilidades de estudos sobre morte e gênero na arqueologia brasileira. In: **Revista Clio arqueológica**, v. 26, n. 1, 2011.

SOFFER, Olga. ADOVASIO, James M. PAGE, Jake. **O sexo invisível**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SOUSA, Ana Cristina. Mulheres do Jequitinhonha: um diálogo entre arqueologia, história e antropologia. **Revista de Arqueologia**, v. 19, n. 1, 2006.

SWEELY, Tracy. **Manifesting power**. Routledge, 1999.

TORREIRA, Lourdes Prados. **Y la mujer se hace visible**: estudios de género en la arqueología. Universidad Autónoma de Madrid. Encuentro Internacional Arqueología del Género. 2008.

TRIGO, Alessandra Cristina Monteiro de Castro. Figurinhas femininas sírias e iranianas no acervo do MAE/USP. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 11, p. 283-299, 2001.

VILA MITJÁ, Assumpció. Política y feminismo en Arqueología prehistórica. **Revista Atlántica Mediterránea de Prehistoria y Arqueología Social**, v. 9435, n. 13, 2011.

WYLIE, Alison. The Engendering of Archaeology Refiguring Feminist Science Studies. The History of Science Society. In: **Osiris**: v.12, 1997.

ZURRO, Débora et al. **Ni carne ni pescado (consumo de recursos vegetales en la Prehistoria)**: Análisis de la variabilidad de los conjuntos fitolitológicos en contextos cazadores-recolectores. Tese de doutorado. Universitat Autònoma de Barcelona: 2010.